

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Rodrigo Luiz Simas de Aguiar

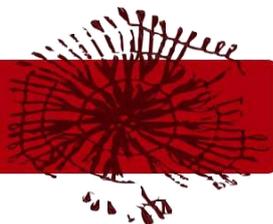
Beatriz dos Santos Landa

O presente dossiê da Revista Ñanduty teve por objetivo elencar alguns artigos que retratassem a complexa relação entre cultura material e percurso histórico de sociedades humanas. Ao acionar dispositivos culturais específicos, estas sociedades promoveram sua ambientação aos espaços territoriais ocupados e reforçaram suas dinâmicas sociais. Daí a importância de se estabelecer estudos sobre a produção de objetos e artefatos, permitindo interpretar não somente sociedades contemporâneas, mas aquelas outras de eras distantes e para as quais etnografia ou fontes históricas não são recursos disponíveis.

Kopytoff (2008) acertadamente destaca que os objetos, a partir do momento em que são inseridos no meio social, deixam de ser meros reflexos de suas formas materiais para expressarem contexto histórico e cultural a que estão submetidos. Esta transformação de significados a que os objetos estão submetidos é discutida por Latour (1979) em seu “Laboratorylife”. Para os investigadores da cultura material, os objetos devem ser avaliados pela sua biografia, desde a origem até às potenciais significações e ressignificações. Produtos materiais, especialmente àqueles na condição de mídia artístico, podem ser a vocalização de conteúdos mitológicos, promovendo sua materialização (Aguiar & Pereira, 2015).

Gell (1998) trouxe uma importante contribuição para o estudo da cultura material a partir do momento em que insere os objetos na condição de atores que influenciam o fluxo da vida social, produzindo efeitos na sociedade em que estão inseridos. Ainda que pesem as críticas sobre a obra de Gell, foi por intermédio dele que os pesquisadores da cultura material se deram conta de que a nossa forma de pensar os objetos estava muito influenciada pelo raciocínio ocidental e que em dadas sociedades eles poderiam se equiparar a pessoas, sendo dotados de essência e intencionalidade.

Mas o cenário social que envolve o objeto influencia a percepção que temos dele, e é disso que tanto arqueólogos como antropólogos devem estar atentos ao formular suas interpretações. Adaptações a novas realidades sociais, políticas e econômicas influenciam a produção da cultura material e os processos de mercantilização são um exemplo disso. Para tanto, basta evocar o exemplo de Kasfir (1999), que retrata como a produção artística entre os Samburu vai se adaptar às demandas turísticas. Para os Samburu a lança miniaturizada é uma adaptação necessária para inserir a produção de sua cultura material na condição de



artesanato, ao mesmo tempo em que para o turista que a adquire, tal objeto será o receptáculo das memórias de uma viagem exótica.

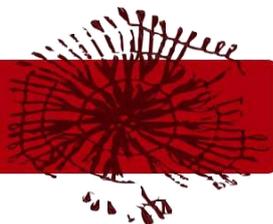
Simbolismos diversos estão presentes também na produção e consumo de alimentos. Certos recursos alimentares ocupam espaço privilegiado na cosmologia de sociedades, convertendo-se em elementos basilares na condução de rituais. É justamente o tema abordado por Robson Rodrigues, que discorre sobre o papel do milho nativo entre os Kaingang, destacando seu emprego cerimonial, como é o caso do kikikoi.

A materialidade dos espaços de vivência está atrelada aos usos que determinadas parcialidades fazem deles. As urbanizações, elementos arquitetônicos, trânsitos e pousos manifestam uma dinâmica relação entre os múltiplos segmentos que se apropriam destes lugares. Desta relação emergem discursos que ditam a forma como estes espaços vão ser incorporados simbolicamente, formas relacionais que por vezes assumem um caráter político. Emanuel Oliveira Braga e Carla Gisele Macedo Moraes vão pensar estas relações tendo por universo de discussão as edificações históricas que margeiam o Rio Sanhauá, em João Pessoa, e os usos que a comunidade ribeirinha do Porto do Capim fazem deste conjunto, resultando em tensões com outros segmentos da sociedade.

Este pensar e repensar o papel da cultura material em uma sociedade e as possíveis ressignificações que objetos assumem ao serem submetidos a contextos diversos do original é um exercício fundamental para nossa disciplina. A transposição de contextos não está limitada à movimentação de objetos entre povos contemporâneos, mas acompanha aqueles produtos que persistem através dos tempos. Objetos que a arqueologia trouxe à luz vão receber novas camadas de significantes, incorporando-se aos conteúdos simbólicos da nossaera.

A conservação da arte rupestre permite que um produto cuja origem remonta milhares de anos seja ressignificado nos dias atuais, retratando o esforço na sua preservação como marco de povos pretéritos. O trabalho de Maria Conceição Soares Meneses Lage e sua equipe vem situar o sítio arqueológico da Pedra do Ingá, na Paraíba, como elemento icônico no estudo da arte rupestre brasileira, decorrendo daí a preocupação em sua preservação. A análise dos agentes de degradação e dos seus efeitos nocivos orientou as escolhas das técnicas de intervenção a serem empregadas na limpeza e consolidação, garantindo a conservação mais adequada deste sítio, que em nossa sociedade assume a condição de monumento.

Mas a arte rupestre também possibilita traçar outras interpretações, mais voltadas aos modos de vida de populações pretéritas. Sua dispersão e a repetição de conteúdos, aliados ao



estudo da paisagem, podem ser indicativos de formas de uso do espaço ecológico e de sistemas de mobilidades. Este é o tipo de ponderação que propõe o artigo intitulado “Reflexões sobre as relações entre a arte rupestre de Alcinópolis, o contexto regional de pinturas e gravuras e a mobilidade de povos caçadores e coletores em Mato Grosso do Sul”.

Os desafios de uma arqueologia em Mato Grosso do Sul podem ser medidos pelas ações do Programa Arqueológico de Mato Grosso do Sul, coordenado pelo célebre arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz. Este dossiê encerra com uma entrevista em que Schmitz nos relata um pouco sobre sua carreira e sobre as experiências vivenciadas por ocasião das pesquisas em território sul-mato-grossense. A Pedro Ignácio expressamos gratidão e reconhecimento em nome dos arqueólogos que se inspiraram em suas investigações para prosseguir com o estudo dos povos da pré-história de Mato Grosso do Sul.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, R. L. S.; PEREIRA, L. M. 2015. “A universalidade da arte e a pesquisa da produção artística entre os povos indígenas em Mato Grosso do Sul”. In: Graciela Chamorro e Isabele Combès, *Povos Indígenas em Mato Grosso do Sul: história, cultura e transformações sociais*. Dourados: EdUFGD.
- GELL, A. 1998. *Art and agency: anthropological theory*. Oxford University Press.
- KASFIR, S. L. 1999. ‘Samburu souvenirs – representations of a land in amber’. In: Ruth Phillips & Christopher Steiner, *Unpacking Culture – art and commodity in colonial and post-colonial worlds*. California University Press.
- KOPYTOFF, I. 2008. “A biografia cultural das coisas: A mercantilização como processo”. In: *Avida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural*, EDUFF.
- LATOUR, B. 1979. *Laboratory Life: The Construction of Scientific Facts*. Princeton, PUP.